

# Complexidade linguística no Caribe: prolegômenos a um conceito de Caribe crioulifrancófono

Dieumette JEAN<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, São Paulo, Brasil  
| dieumettejean@yahoo.fr | <https://orcid.org/0000-0002-1769-346X>

**Resumo:** Este estudo visa a problematizar a denominação “Caribe francófono”, usada para designar países como Haiti, Guadalupe, Guiana Francesa e Martinica, antigamente colonizados pela França, para, em seguida, alicerçar o conceito de *créolifrancophone* (“crioulifrancófono”) para designar esses países e suas produções culturais e artístico-literárias. Trata-se inicialmente de abordar as raízes etnolinguísticas do termo *Caribe* e de percorrer limitações da denominação “Caribe francófono” sob a luz de uma abordagem sociolinguística. Ao mobilizar conceitos como *Relação*, *Crioulização*, de Édouard Glissant (1990, 1996), *Créolité* (“Crioulidade”), de Jean Bernabé, Raphaël Confiant e Patrick Chamoiseau (1989), e ao adotar um método que envolve um movimento duplo ou dialético, articulando o passado e o presente para projetar o futuro, este estudo sugere que o conceito de “crioulifrancófono” se tem mostrado mais amplo para dar conta da realidade linguística daquela região do que o conceito de “Caribe francófono”.

**Palavras-chave:** Caribe. Caribe francófono. Caribe crioulifrancófono. Sociolinguística. Línguas crioulas do Caribe.

---

## Linguistic complexity in the Caribbean: prolegomena to a concept of crioulifrancophone Caribbean

**Abstract:** This study aims to problematize the denomination “Francophone Caribbean,” used to designate countries and territories such as Haiti, Guadeloupe, French Guiana, and Martinique, which were formerly colonized by France. Such an expression demonstrates limitations concerning the linguistic and sociolinguistic situation of this region. Consequently, the term “Creolifrancophone” is used to designate these countries and their cultural and artistic-literary productions. This paper initially addresses the ethnolinguistic roots of the term “Caribbean” and discusses the limitations of the designation “Francophone Caribbean” in light of a sociolinguistic approach. Based on concepts such as Relation and Creolization by Édouard Glissant (1990; 1996) and Créolité (“Creoleness”) by Jean Bernabé, Raphaël Confiant, and Patrick Chamoiseau (1989), and by means of a method involving a dual (dialectical) movement that articulates the past and the present to enable the projection of the future, this study suggests that the concept of “Creolifrancophone” is broader in addressing the linguistic reality of the region than the concept of “Francophone Caribbean.”

**Keywords:** Caribbean. Francophone Caribbean. Caribbean creolifrancophone. Sociolinguistic. Caribbean creole language.

## | Notas luminárias ou anúncio de percurso

Este estudo<sup>2</sup> parte da hipótese de que o termo *Caribe*, que, do ponto de vista geográfico e político, é usado para países ou territórios da América central, é um termo impreciso que, na sua aparente obviedade, tem-se mostrado muito difícil circunscrever geográfica, cultural e linguisticamente, devido particularmente à formação etnolinguística a ele associada. A esse problema, soma-se a ambiguidade que ocorre quando o termo *Caribe* vem seguido de um adjetivo como *francófono*, *anglófono*, *hispanófono*, *neerlandófono*, usado para especificar um conjunto dessas ilhas antigamente colonizadas pela França, pela Inglaterra, pela Espanha e pela Holanda. Esse postulado conduz diretamente a questionamentos como: i) O que se entende pelo termo *Caribe*? ii) Como o termo se formou? iii) Quais condições sócio-históricas e linguísticas favoreceram seu surgimento? São esses questionamentos (aparentemente simples) que norteiam inicialmente o estudo aqui apresentado, cujo desenvolvimento é estruturado em três pontos: no primeiro são estudadas as raízes históricas e etnolinguísticas, bem como o processo linguístico de derivações e variações semânticas do termo *Caribe*; no segundo ponto são discutidas as limitações linguísticas do termo *Caribe* seguido do adjetivo *francófono*; no final, é alicerçado o conceito de “crioulifrancófono”.

## | O vocábulo *Caribe* – suas raízes etno-históricas

O processo histórico de crioulização que deu origem à configuração atual da região faz com que o vocábulo *Caribe* se constitua em objeto de numerosas controvérsias e imprecisões, gerando um desconforto analítico para circunscrevê-lo geograficamente, e, de modo ainda mais acentuado, linguística e culturalmente (Glissant, 1990; Vété-Congolo, 2016).

O problema inicial é que o vocábulo *Caribe* foi formado a partir da referência aos povos autóctones que habitavam as Pequenas Antilhas e porções da costa sul-americana, sobre os quais há escassez de documentação e de fontes primárias disponíveis<sup>3</sup>. Além dessa escassez de fontes sobre povos autóctones e suas

---

2 O presente estudo impõe-se como um constructo teórico em desenvolvimento desde 2019, ano em que iniciei minhas pesquisas de doutorado no Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Estadual de São Paulo (Unesp). A formulação inicial deste conceito encontra-se na tese defendida em janeiro de 2024, sob o título *O realismo maravilhoso e a poética da relação na constituição da literatura crioulifrancófona do Caribe*, especificamente na seção “Problematizando o “Caribe francófono” para um Caribe crioulifrancófono” (p. 35-41).

3 No *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2001, p. 626), o termo diz respeito a: indígena pertencente a qualquer grupo dos grupos *caribes*; grupos indígenas cujas línguas pertencem à família linguística *caribe*. Etimologicamente, é um vocábulo de origem arauaque que designava um povo que habitava partes das

línguas, encontram-se os efeitos do “pensamento de sistema ou pensamento continental” (Glissant, 1996)<sup>4</sup>. São motivos que fazem com que, quando se trate de refletir sobre o termo *Caribe* e o espaço designado por ele, sejamos forçados a constatar, como postula a pesquisadora martinicana Hanhéta Vété-Congolo (2016, p. 42), que “Cristóvão Colombo está na origem do mal-estar sentido e que, com o passar do tempo, esse mal-estar se instituiu com o apoio de outras circunstâncias. Foi Colombo que, ao desembarcar nesse espaço com seus companheiros, (re)nomeou-o *Las Indias/As Índias, Las Antillas/As Antilhas* e posteriormente *Caraíba* (Caribe).

O ato de (re)nomear ou (re)batizar o espaço deu a Colombo e a seus companheiros a legitimidade para que se estabelecessem como *maîtres et seigneurs* (“mestres e donos”), sentindo-se livres para assimilar, extorquir, exterminar o *Outro*, impor-lhe seu “sistema de pensamento” (Glissant, 1990), por meio de “violências as mais terríveis” (Dussel, 1983). Consequentemente, a chegada dos europeus inaugurou o que o escritor argentino Enrique Dussel chama de Modernidade<sup>5</sup>, como conceito correto que está na origem de uma violência “sacrificial” na qual a Europa pôde definir-se como um “*ego conquiro/ eu conquisto*” descobridor, conquistador, colonizador da alteridade constitutiva da própria “Modernidade” (Dussel, 1983, p. 5-6). Os contatos de diversas naturezas favoreceram, porém, o surgimento de novos vocábulos, de novas línguas ditas “crioulas”, bem como o surgimento de sincretismos culturais e religiosos oriundos desse contexto histórico de mistifório. Significa dizer que os contatos com línguas, com povos e culturas diversas favoreceram o surgimento de uma *realidade crioula*. As raízes sócio-históricas do vocábulo *Caribe* foram assim germinadas em um contexto marcado por violências e confluências de línguas e de povos. Esses postulados remetem-nos aos questionamentos inicialmente lançados: o que se entende pela palavra *Caribe*? Como ela se formou sócio-historicamente?

Em *Une géographie populaire de la Caraïbe*, à interrogação “O que é o Caribe?” – que é também o título do primeiro capítulo da sua obra publicada em 2014

---

Antilhas e do litoral norte da América do Sul. No *Dicionário da Real Academia Espanhola* (<https://dle.rae.es/caribe>), o termo refere-se a povos, línguas ou grupos de línguas, além do sentido de pessoa agressiva, cruel. Informações mais detalhadas no item que trabalha as variações desse vocábulo.

4 O escritor martinicano Édouard Glissant configura o pensamento de sistema ou pensamento continental como um pensamento fechado, que se fundamenta em um mito legitimador e que se apropria da História da humanidade, moldando-a, estruturando-a à sua maneira. Atribuído ao Ocidente, esse pensamento foi, como sustenta o autor, “prodigiosamente fecundo, prodigiosamente conquistador e prodigiosamente mortal”, pois se trata de um pensamento generalizante, uma universalização do pensamento do *Uno*.

5 Em sua obra intitulada *1492: o encobrimento do outro*, logo nas palavras iniciais Dussel (1983, p. 5) afirma que a tese central que desenvolve é a de que o ano 1492 “é a data do ‘nascimento’ da Modernidade, embora sua gestação – como o feto – leve um tempo de crescimento intrauterino”.

–, Romain Cruse afirma que, à primeira vista, parece fácil apontar o dedo para essa região no mapa da América. Nota, porém, que, se a examinássemos pormenorizadamente, observaríamos que se trata de uma pergunta complexa, tanto pelo fato de que o termo *Caribe* é, muitas vezes, usado como sinônimo de “Antilhas”, quanto pelo fato de que a delimitação geopolítica desse termo varia conforme as concepções de autores ou de organismos internacionais que o empregam. Frantz Voltaire corrobora essa compreensão quando postula o seguinte sobre a configuração geográfica dos territórios do Caribe:

Esta região inclui, além de um conjunto de ilhas que se estende de Trinidad às Bahamas, a fachada costeira dos países, da Flórida à Guiana Francesa, passando pelo México, América Central, Colômbia, Venezuela, Suriname e Guiana. O mundo caribenho é, a um só tempo, Curaçao, as Ilhas Cayman e Puerto Limón, na Costa Rica, tão jamaicana quanto Porto Antônio; e como não incluir Margarita, na Venezuela, San Andrés, na Colômbia, ou mesmo Belize, na América Central? O Caribe não tem um território delimitado; sua fronteira está movendo-se, e, hoje, como destacou George Manning, suas fronteiras estão na Eastern Parkway, em Nova York, ou mesmo na avenida Victoria, em Montreal<sup>6</sup> (Voltaire, 2021, p. 3).

Assim como Cruse, Voltaire deixa entender que o problema dessa palavra se deve à complexidade de estabelecer limites precisos para circunscrever a região que lhe corresponde. Trata-se de uma complexidade que conduz, muitas vezes, a uma “lógica ou visão reducionista do espaço caribenho”<sup>7</sup> (Jonassaint, 2005),

---

6 Essa e todas as traduções não referenciadas são de nossa responsabilidade. “Cette région comprend, outre un chapelet d’îles allant de Trinidad aux Bahamas, la façade côtière des pays, de la Floride à la Guyane française, en passant par le Mexique, l’Amérique centrale, la Colombie, le Venezuela, le Suriname et la Guyana. Le monde caraïbe, c’est à la fois Curaçao, les îles Caïmans et Puerto Limón, au Costa Rica, aussi jamaïcaine que Port Antonio; et comment ne pas inclure Margarita, au Venezuela, San Andrés, en Colombie, ou encore le Belize, en Amérique centrale ? La Caraïbe n’a pas un territoire délimité, sa frontière est mouvante et, aujourd’hui, comme le soulignait George Manning, ses frontières se retrouvent sur l’Eastern Parkway à New York ou encore sur l’avenue Victoria à Montréal”.

7 Na introdução do seu artigo “De la complexité caraïbéenne: notes sur une impasse théorique”, o pesquisador haitiano Jean Jonassaint postula que “uma simples passada d’olhos em algumas publicações sobre o Caribe dá a ler uma visão bastante reducionista do espaço caribenho e de suas produções simbólicas sob a luz de velhos topos herdados da colonização que alimentam em grande parte as consciências ocidentais” (tradução própria). O autor sustenta essa afirmação com base em vários autores/textos que expressam a lógica reducionista lançada sobre o espaço geográfico caribenho. Para ilustrar, cita a tradução inglesa do título *Discours antillais* (“Discurso antilhano”), de Glissant, para *Caribbean Discourse*. A passagem do vocábulo *antilhano* para *caribenho*, conforme a argumentação do autor, apenas acentua a lógica reducionista, das Antilhas ditas francesas para as Antilhas com toda a panóplia das denominações herdadas das colonizações europeias (inglesa, espanhola, neerlandesa).

uma visão estereotipada, nutrida dos “velhos topos herdados da colonização” (Jonassaint, 2005, p. 37).

Essa visão reducionista, contudo, como sublinha Jonassaint, não implica necessariamente uma inconsciência dos diferentes autores quanto à complexidade ou à heterogeneidade do espaço caribenho. De fato, ela denota “uma proeza reducionista que, embora [os autores] sublinhem essa complexidade, acaba por reproduzi-la por meio de algumas generalidades ou lugares-comuns bastante surpreendentes” (Jonassaint, 2005, p. 37).

Essa argumentação remete à seguinte observação, elaborada em 1998 pela escritora guadalupense Maryse Condé sobre a complexidade do termo *Caribe*:

Há uma expressão geográfica – “o Caribe” – que é associada a um determinado espaço. Há pessoas que se descrevem como caribenhas e há muitos estrangeiros que atestam terem ido a um lugar chamado Caribe. A verdade, no entanto, é que o Caribe, mesmo como expressão geográfica, é difícil definir. Alguns analistas incluem a Flórida, o Yucatán e partes da Colômbia e da Venezuela. Outros excluem o continente e concentram-se nas ilhas. Mesmo que se esteja a favor da segunda interpretação, não há unidade racial em nenhuma definição do Caribe, pois em todas as ilhas há brancos, negros, amarelos e todos os tons intermediários<sup>8</sup> (Condé, 1998, p. 61, citada por Jonassaint, 2005, p. 40)

Ao lado da complexidade geográfica de circunscrever o espaço caribenho – que está aliás na origem da visão ou lógica “reducionista” –, encontra-se a complexidade linguística: o Caribe “com suas múltiplas histórias assimétricas, difratadas e com seus diversos plurilinguismos” (Jonassaint, 2005, p. 40). A lógica reducionista e ‘excludente’ da complexidade linguística revela-se mais perniciosa quando há esforço em delimitar essa região em zonas linguísticas (francófona, hispanófona, anglófona, neerlandófona) sem demonstrar compromisso com a situação linguística e sociolinguística da região, sobretudo da assim chamada “Caribe francófono” – foco específico deste trabalho. Necessita-se dissecar o vocábulo *Caribe*, examinando a formação que lhe corresponde, as derivações e variações linguísticas que estão na sua origem, para melhor apreender clichês,

---

8 No original: “There is a geographical expression – ‘the Caribbean’ – associated with certain space. There are many people who describe themselves as Caribbean persons and many foreigners who attest that they went to a place called the Caribbean. However, the true is that the Caribbean, even as a geographical expression, is difficult to define. Some analysts include Florida, the Yucatan, and portions of Columbia and Venezuela. Others exclude the mainland and concentrate on the islands. Even if you are in favor of the second interpretation, there is no racial unity in any definition of the Caribbean, since throughout the islands there are whites, Blacks, yellows, and every shade in between.”

abordagens reducionistas e ‘excludentes’ que caracterizam essa delimitação, reenquadrando assim a problemática deste estudo sob o ângulo etnolinguístico, para, em seguida, observar alguns problemas de natureza sociolinguística na apelação “Caribe francófono”.

## **| A palavra *Caribe*: variações terminológicas e semânticas**

A hipótese de que plurilinguismos e povoamentos diversos que conheceram essa região estão na origem de *caribe* sugere que esse vocábulo se formou a partir de falta de compreensão e de comunicação entre os diversos povos e línguas em contato. Ao lado de qualquer falta de intercompreensão e de intercomunicação, houve, todavia, a vontade dos europeus de nomear o *Outro* para melhor controlá-lo, sujeitá-lo, em uma lógica puramente colonialista, conforme já frisado acima.

Várias pesquisas que abordam derivações e variações terminológicas e semânticas do vocábulo *caribe* corroboram essa hipótese. No *Dictionnaire améicaniste (anglais-allemand-espagnol)* [Dicionário americanista inglês-alemão-espanhol], de Georg Friederici, citado por Odile Renault-Lescure em *Le caraïbe insulaire, langue arawak: un imbroglio linguistique*, o vocábulo *caribe* aparece sob a seguinte entrada:

**caribe**, cariba, caryba, cariby, galíbi, Carib, carive, cariue, cariwa, kariua; caraibe, caraybe, caraiba, karaiba, carahiba, karaib, karaiua, caraybbe; caniba, canima, los de caniba o de los caníbales, caníbales, cannibales, cannibali, cannybales, canívaes, caríbales; kalifia, kalihja, kalienja, calínago, callinago, calina (Friederici, 1960, p. 143-5, citado por Renault-Lescure, 1999, p. XLIX).

Nessa entrada, nota-se a articulação de um processo linguístico que envolve variações e derivações terminológicas. Primeiramente, na multiplicidade terminológica do vocábulo, encontra-se uma similaridade fonética, sobretudo no início dos termos: quase todos começam pelo fonema /k/ seguido da alveolar aproximante lateral /l/ ou da alveolar /r/, se levarmos em consideração a similaridade entre a oclusiva velar sonora /g/ e a surda /k/: quase todos começam pelo fonema /k/ seguido da alveolar /r/ ou da alveolar aproximante lateral /l/, considerada a similaridade entre a oclusiva velar surda /k/ e a sonora /g/. Pode-se observar, nessa diversidade terminológica, uma unidade fonética que pode ser interessante analisar.

No *Dictionnaire caraïbe-français*, publicado em 1665 e reeditado em 1892, ao introduzir a letra *k*, Raymond Breton<sup>9</sup> salienta inicialmente que, na língua *caraíba* dos autóctones, a letra *k* colocada no início do verbo denota a habilidade e a disposição que se tem para fazer algo. Como exemplo, o autor destaca a palavra *ateca*, que na língua dos caraíbas significa “fazer”, e que precedida pela letra *k*, como em *Kátegati*, significa “faz bem”. Quando é colocada à frente do verbo, essa letra pode sinalizar também o plural, como em *kichicoulama*, que significa “deitamo-nos” [...] (Breton, 1892, Verbete K). Por outro lado, Breton ressalta que, uma vez colocada na frente de um nome no singular, a letra *k* é um pronome possessivo singular, como *kioumaan*, “nosso pai”, e é plural se está diante de um nome plural, como *kignocou*, “nossos pais” [...] (Breton, 1892, Verbete K). O autor salienta ainda que, colocada na posição de prefixo em um nome que é singular e plural, essa letra passa a ser singular e plural ao mesmo tempo, como a palavra *kibaoüánale*, que significa tanto “meu compadre”, “nosso compadre”, quanto “meus compadres”, “nossos compadres”. Dois anos mais tarde, em sua obra *Grammaire Caraïbe*, publicada em 1667 e reeditada em 1877, Breton afirma: “O K é bastante presente entre os caraíbas insulares. Ele é geralmente seguido de uma vogal /a/, /o/ ou de uma vogal /u/ [...]” (Breton, 1877, p. 38). O autor, no entanto, prossegue destacando que

Há autóctones que falam bem alto entre os dentes, e outros que falam de forma tão nasalizada que penamos para entendê-los. Eu entendia sempre melhor os franceses que falavam caraíba do que os próprios caraíbas, com exceção, porém, do Sr. Jean Gardin, que, por ter sido sequestrado por eles quando era ainda jovem e mantido em cativeiro durante muito tempo sem comunicação com os franceses, imita-os com mais precisão<sup>10</sup> (Breton, 1877, p. 38).

O que há de notar nesse relato de Breton não reside meramente na variação linguística intracomunitária, mas, fundamentalmente, nas implicações do contato linguístico, que apontam para um fenômeno de aculturação linguística ou de

---

9 Raymond Breton era um sacerdote católico francês, missionário nas Antilhas entre 1635 e 1654, e legou as seguintes escritas sobre os Caribes: *Petit catéchisme ou sommaire des trois premières parties de la doctrine chrétienne* (1664), *Dictionnaire caraïbe-français mêlé de quantité de remarques historiques pour l'éclaircissement de la langue* (1665-1666), em 2 volumes, e *Grammaire caraïbe* (1667). Essas obras são frequentemente consideradas obras raras (não por dizerem respeito primariamente à qualidade ou à importância intelectual do texto, mas dada sua antiguidade e significância histórica) sobre a língua dos povos autóctones do Caribe.

10 No original, na ortografia do francês arcaico: « Il ya des 'Sauvages' qui parlent si fort entre les dents, & d'autres qui parlent tant du nez; qu'on a bien de la peine à les entendre, j'entendois tousiours mieux les François qui parloient Caraïbe, que les Caribes memes, à la reserve pourtant du Sieur Jean Gardin, qui pour avoir esté enleué par eux lors qu'il estoit encore ieune, & detenu long temps sans avoir communication avec les François, les imite de plus pres ».

acomodação interétnica, no qual tanto os indígenas quanto os colonizadores se empenhavam em estabelecer a inteligibilidade mútua. Tal processo desencadeou não apenas variações fonéticas perceptíveis, mas também a emergência de uma língua intermediária (ou interlíngua), cuja função precípua era facilitar a comunicação entre os povos em contato. Considerando-se esse parâmetro, a intercomunicação entre populações autóctones e europeias configura-se como elemento crucial para a gênese de variações e derivações linguísticas, com implicações nos âmbitos terminológico e semântico.

Dessarte, em *Les Caraïbes de la Guadeloupe* [Os caraíbas da Guadalupe], em que homenageou Raymond Breton, o sacerdote-missionário católico francês na Martinica, Joseph Rennard sublinha que a linguagem dos Caraíbas era diferente daquela dos Gallibys, e era difícil aprender por várias razões, (d)entre as quais: i) ausência de escrita e de qualquer caráter a ponto de exigir uma grande paciência para escutar e distinguir suas falas proferidas fortemente, e de uma grande memória para guardar o que se podia captar; ii) diversas formas de linguagem (os homens têm uma, as mulheres outra, e ainda uma outra para arengas e tratados, que os jovens não entendem bem). Além disso, o autor destaca o seguinte: “os caraíbas têm um *baragouin* ou uma linguagem particular que usam para conversar conosco, que é uma mistura de espanhol, francês e caribe” (Rennard, 1929, p. 49)<sup>11</sup>.

Foi nesse contexto de falta de intercomunicação e de intercompreensão que os missionários produziram suas obras, que lançam um pouco de luz sobre o vocábulo *Caribe*, inicialmente usado como sinônimo de *Galibi*, *Garibi* ou ainda *Cariba*. Ao introduzir o vocábulo *Galibi* como “*Caribe* de terra firme”, Breton afirma que aprendeu com capitães da ilha da Dominica que as palavras *Garibi*/*Galibi*, *Cariba* foram nomes que os europeus atribuíram aos autóctones, e que o nome primitivo era *Callínago*: “as mulheres se chamavam *Callíponam*” (1892, p. 105). Na mesma linha, Rennard (1929, p. 47) retoma esse registro, mas com a substituição da letra *c*/ pela letra *k*, *Kallínago* na linguagem dos homens e *Kallíponam* na linguagem das mulheres. Para ele, houve algumas distinções entre estes e aqueles de terra firme, chamados de *Balaouöouri*, da palavra *Ballouö*, que significa “terra firme”. A similaridade sonora do vocábulo *Callínago*/*Kallínago* com os vocábulos *Cariba*, *Garibi*, *Caribe* contribui para sustentar a tese da falta de intercompreensão e intercomunicação dos povos como responsável pelas variações e derivações terminológicas do vocábulo *Caribe*. Às variações

---

<sup>11</sup> No original: “Ils ont un baragouin ou langage particulier dont ils traitent avec nous qui est espagnol, français, caraïbe pêle-mêle par ensemble”. No Centre National de Ressources Textuelles et Lexicales – CNRTL (<https://www.cnrtl.fr/definition/baragouin>), o verbete, dicionarizado como *baragouin*, aparece como uma linguagem incompreensível, difícil, rebuscada, estranha e mesmo incorreta.

terminológicas estão articuladas variações semânticas do vocábulo *Caribe*, que foi usado pelos europeus como sinônimo de “canibal”, de “selvagem”, daí suas variações como *caniba*, *canima*, *caníbales*, *cannibales*, *cannibali*, *cannybales*, *canívaes*<sup>12</sup>. Rennard registra que essas variações semânticas dizem respeito à resistência desses povos ao domínio espanhol, que atestam, com essas nomeações, o desejo de dominar melhor o *Outro*.

Na análise da palavra *Karib*, após terem postulado que essa palavra é um dos principais termos de mistifório, Françoise Grenand e Pierre Grenand afirmam que a leitura das narrativas dos primeiros “viajantes” leva a confirmar quase com certeza a asserção de Neil Whitehead (1984) de que o termo *Carib* ultrapassa, na história das Antilhas e do norte da América tropical, o quadro dos indígenas *Carib* habitantes da região costeira. Para o antropólogo, a resistência à dominação resultou na criação de estereótipos como “canibais”. Apoiados na etnóloga Anne-Christine Taylor, que afirma que esse termo é ligado ao arawak *Karipuna*, *Kalina* e *Callinago*), F. Grenand e P. Grenand (1987, p. 6) argumentam que *Carib* agrupava diversos nomes de etnias, entre as quais as *Coonoraki* (*norak*), *Arwaos* (*Aruã*), *Pararweas* (*Paragoto*), *Marowanas* (*Maraons*), *Maworia* (*Mauyune*). Em certas medidas, esses apontamentos ecoam no capítulo “Karíb”, da obra *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*, de Aryon Dall’Igna Rodrigues, no qual se destaca:

[...] o nome *Karíb* é uma das designações pelas quais foi conhecido um povo indígena que ocupou, nos séculos passados, grande parte da costa norte da América do Sul e as Pequenas Antilhas, estendendo-se desde o Norte da foz do Amazonas, passando pela Guiana Francesa (onde foram chamados *Galibi*), pelo Suriname (*Karaiiben*, *Kaliña*), pela Guiana (*Caraib*) até a Venezuela (*Cariña*) (1986, p. 57, itálico próprio).

Essas considerações corroboram ou reiteram o postulado de base: além da vontade dos europeus de sujeitar o *Outro*, os “diversos plurilinguismos” e povoamentos, bem como a falta de uma “linguagem comum” entre os povos em contato nessas regiões, foram a origem do termo *caribe* e de suas derivações e variações. Nessa linha, percorrendo a multiplicidade de variações e derivações do termo *caribe*, Odile Renault-Lescure (1999) apoia-se em Burdin (1997) e

---

12 Quanto às variações morfológicas como *caníbales*, *caribales*, *caniba*, *canima*, *cariba*, *caribe*, *cariby*, *carib*, conforme já observou Renault-Lescure, Georg Friederici não considera que indiquem pontualmente diferenças semióticas, mas que estão ligadas a uma falta de intercompreensão acústica/fonética entre os europeus e os índios. Ou seja, não reitera a hipótese de nomear para dominar.

destaca três causas<sup>13</sup>: i) a diversidade dos pontos de vista linguísticos e nacionais; ii) a multiplicidade dos lugares de observações; iii) o multilinguismo (inglês, português, holandês, francês ou *pidgins*), sem uma *língua-comum* entre os exploradores e os povos autóctones. Esse contexto de “diversos plurilinguismos” permite afirmar que, como observam Grenand e Grenand (1987, p. 8), o vocábulo “*caribe* contribuía muito mais para embaçar que para esclarecer o panorama humano<sup>14</sup> dessa região que pretendia designar”.

Nessas derivações e variações terminológicas e semânticas, observa-se, contudo, todo um processo de *crioulização*. Nas palavras de Édouard Glissant (1996, p. 15, grifo próprio): “um encontro de elementos culturais oriundos de horizontes absolutamente diversos que se crioulizam, se mesclam, se misturam e se confundem um no outro para resultar em alguma coisa imprevisível, **absolutamente nova**”. A ideia de “absolutamente nova” no resultado da crioulização, conforme teorizado por Glissant, revela-se problemática na medida em que sugere uma ruptura total com os elementos que a constituíram. A despeito de o processo de crioulização ser caracterizado como imprevisível e, por vezes, caótico, resultando em uma nova estrutura cultural, essa novidade não é absoluta: ela mantém conexões e vestígios com os elementos culturais que a formaram.

Se a problematização reside, portanto, no emprego do advérbio “absolutamente”, a linha de força da formulação de Glissant está precisamente no reconhecimento das imbricações complexas resultantes da crioulização, as quais tornam extremamente difícil ou impossível isolar e discernir os elementos originais que participaram da sua formação. O processo de *crioulização* vai, assim, muito além de uma simples confusão – que reinava nos primeiros contatos – sobre a designação desses povos e suas línguas. A *crioulização* (re)produz excedentes,

---

13 No que se refere à primeira causa, o autor destacou a diversidade dos pontos de vista a partir dos quais foram produzidas observações ao longo de três séculos. Em seguida, listou a multiplicidade geográfica dos lugares de observações (o mar caribenho, o oceano Atlântico, a costa pacífica da América do Sul, o rio Negro, os rios Amazonas, Xingu, Orinoco e Magdalena, a lagoa Maracaibo). Enfim, numerosas línguas foram usadas nas observações: 11 línguas (holandês, inglês, alemão, norueguês, sueco, francês, espanhol, italiano, português, tcheco e latim). Destacou ainda o fato de que, em inúmeras ocasiões, os dados foram recolhidos por meio de línguas intermediárias – inglês, português, holandês, francês ou *pidgins* – que nem os exploradores nem os indígenas dominavam bem. Além disso, observou acertadamente que alguns manuscritos, escritos em língua própria do redator, foram traduzidos por editores, sem que estes últimos respeitassem as convenções ortográficas da língua-fonte (Burdin, 1990, p. 23, citado por Renault-Lescure, 1999, p. XLIX-L).

14 Esses autores sustentam essa tese em trabalhos de antropólogos e exploradores que apontam que o termo *Charib* havia sido empregado, antes de tudo, como qualificativo de “índios hostis”. Para eles, a noção de inimidade visava inicialmente os inimigos dos Arawak e se tornou posteriormente evasiva para designar rapidamente aqueles com os quais os primeiros viajantes e os índios com quem faziam pacto colidiram.

ou seja, aquilo que é produzido é imprevisível em relação aos componentes (Glissant, 1996).

No contato prolongado de línguas, de povos distintos – mesmo contatos *forçados* marcados por violências de naturezas diversas – há uma espécie de transferência (linguística/cultural) ou existe espaço para o surgimento de uma “realidade crioula”, a formação de um sabir (ou língua franca), que facilitaria um mínimo de *interação* entre os povos em presença. Foi justamente nessa perspectiva que se deu o relato de Rennard (1929) supracitado, segundo o qual os caríbas tinham um *baragouin* ou linguagem particular usada para tratar penosamente com os europeus. Apesar de violências e de desconfianças que caracterizavam os primeiros contatos dos povos dessas regiões da América, havia *interações* mínimas que permitiram que se criasse uma espécie de língua mista que ajudava na intercompreensão. Assim, nas especulações e teses variadas sobre sua formação etnolinguística, é possível notar um denominador comum: o termo *caribe*, originado de etnônimos indígenas (como *karina* ou *kalinago*) e incorporado pelos colonizadores europeus, não designa de maneira unívoca uma única identidade cultural ou linguística, mas refere-se a diferentes povos (“Caribas”) e línguas historicamente distintas. Assim, usá-lo simultaneamente como substantivo para povos e como adjetivo para qualificar a cultura ou a região caribenha pode ocultar essas complexas diferenças internas, reforçando uma visão homogênea em que existe, de fato, pluralidade.

Como já observado, *caribe* remonta ao etnônimo indígena *carib/kalinago*. Com o tempo, esse nome foi apropriado para designar a região geográfica (o mar e as ilhas). Assim, em português e espanhol, ‘Caribe’ é usado como substantivo (referindo-se aos povos Carib ou à região) e como adjetivo (referindo-se à cultura, ao mar, etc.). A explicação não decorre primariamente de uma ‘realidade pluriétnica e plurilíngue’ em si, mas sim de uma evolução semântica e histórica ligada à etnografia colonial.

Na sua obra *L’interoralité caribéenne: le mot conté de l’identité* [A interoralidade caribenha: a palavra contada da identidade], ao questionar o quadro territorial do seu estudo, Hanhéta Vété-Congolo apresenta uma abordagem interessante sobre o conjunto geográfico do chamado *Caribe*. Na sua perspectiva, o termo *caribe*<sup>15</sup>, em movimento perpétuo de definição ou redefinição, não poderia

---

15 Embora seja etimológica e foneticamente distante, o vocábulo *Caribe* encontra-se usado de forma equivalente ao termo *Antilhas*. Um exemplo desse uso já frisado acima é a obra de Glissant *Discours Antillais*, na qual o autor usa o termo *Antilles* (“Antilhas”) de forma globalizada ou inclusiva para tratar o conjunto das ilhas dessa região (o espaço caribenho) independentemente das línguas. Ora, a denominação *Antilles* tem (um) uso motivado, direcionado e restrito (Vété-Gongolo, 2016). De acordo com Hanhéta Vété-Congolo, em francês,

ser mais confuso, o que o afasta categoricamente de qualquer definição fixa, definitiva ou rígida. Contudo, destacando que o termo *caribe* agrupa, dos pontos de vista geográfico, cultural e linguístico, um conjunto heterogêneo e complexo, a autora sublinha que

No Caribe, atualmente, os termos (os) mais escutados e empregados pelos próprios caribenhos para designar o espaço são “la Caraïbe” pelos francófonos, “el Caribe” pelos hispanófonos e “the Caribbean” ou ainda “the West Indies” pelos anglófonos. Embora essas expressões se equivalham e se aproximem do plano etimológico, a maneira de usá-las e a semiótica à qual se remetem diferem e se (de)limitam em função da zona linguística e cultural de sua emissão. Isso é de maior importância do ponto de vista psicológico, na medida em que o nome que um sujeito atribui a si mesmo reflete a percepção que tem de si e da relação que estabelece consigo próprio<sup>16</sup> (Vété-Congolo, 2016, p. 16).

O problema da abordagem de Vété-Congolo – na qual a autora se debruça sobre o valor semântico e os modos de uso das expressões *la Caraïbe*, *el Caribe*, *the Caribbean* – é a ausência do adjetivo *créolophone* (“crioulófono”) para se referir aos países do Caribe comumente chamados francófonos. Significa dizer que, ao lado dos adjetivos *francófono*, *anglófono* e *hispanófono*, evocados pela autora para classificar os subconjuntos do espaço caribenho, o adjetivo *crioulófono* faz falta. Sua ausência na subcategorização do Caribe expressaria uma falta de consideração com a realidade histórica e a complexidade linguística da região. Sob a luz de critérios históricos e linguísticos, a subdivisão desse espaço em “Caribe francófono”, “Caribe anglófono”, “Caribe hispanófono” e “Caribe neerlandófono” não leva suficientemente em conta o imbróglcio linguístico dessa região, particularmente no caso dos países antigamente colonizados pela França, onde as relações sociais são fortemente marcadas pelas línguas crioulas.

---

o termo *Antilles* (“Antilhas”) é geralmente usado para se referir aos chamados Departamentos franceses da América, principalmente Martinica e Guadalupe, com uma intensidade menos frequente relativamente à Guiana Francesa. Em muitos artigos/estudos científicos, encontra-se a denominação *Les Antilles françaises* e *la Guyane* para marcar essa diferença.

16 No original: “Dans la Caraïbe aujourd’hui, les termes les plus entendus et employés par les Caribéens eux-mêmes pour désigner l’espace sont ‘la Caraïbe’ chez les francophones, ‘el Caribe’ chez les hispanophones, ‘the Caribbean’ ou encore ‘the West Indies’ chez les anglophones. Bien que les expressions ‘la Caraïbe’, ‘el Caribe’, ‘the Caribbean’ se veuillent équivalentes et se ressemblent sur le plan étymologique, la façon de les utiliser et la sémiotique à laquelle elles renvoient diffèrent et se (dé)limitent en fonction de l’ère linguistique et culturelle de leur émission. Cela est d’autant plus important d’un point de vue psychologique que le nom que s’attribue un sujet est fonction de la perception qu’il a de lui-même et du rapport qu’il entretient avec lui-même.”

No Caribe, além do Haiti, da Martinica, de Guadalupe e da Guiana Francesa, a França colonizou ou disputou com a Inglaterra, durante muitos anos, a Dominica e Santa-Lúcia, fazendo com que se torne difícil, sob critérios históricos e linguísticos, classificar esses dois países em um único conjunto, anglófono ou francófono, pois, se a Dominica e Santa Lúcia se tornaram definitivamente colônias britânicas, respectivamente em 1673 e 1814, durante o período colonial surgiram nelas as línguas crioulas qualificadas de línguas crioulas de “base lexical francesa” (Taglioni, 2004; McCrindle, 1999). A Dominica e a Santa Lúcia, cujas línguas oficiais são o inglês e suas respectivas línguas crioulas, são membros da Organização Internacional da Francofonia (OIF), com respectivamente 10% e 2% de francófonos<sup>17</sup>. Assim, ao se considerar o passado colonial-escravista e ao se adotarem critérios histórico-linguísticos, parece plausível – da mesma forma que não podem ser excluídos da assim chamada “zona anglófona” do Caribe – que esses dois países não possam ser excluídos do assim chamado “Caribe francófono”, já que suas línguas ditas crioulas se aproximam daquelas dos outros países da região colonizados pela França.

Este trabalho, contudo, baseia-se nas realidades linguísticas do Haiti, da Martinica, de Guadalupe e da Guiana. Essa (de)limitação não se inscreve na perspectiva reducionista supramencionada, mas, sim, em uma perspectiva que se baseia mais nas realidades linguística e sociolinguística desses países da região do que em fatos históricos por eles compartilhados. Isso não significa negar a relevância dos fatos históricos na delimitação dessa região, trata-se apenas de amparar-nos principalmente nos dados linguísticos e sociolinguísticos usados para qualificar esses quatro países de “núcleo duro da francofonia do Caribe” (Taglioni, 2004, p. 2). Em outros termos, trata-se de problematizar a denominação “Caribe francófono” com base nos próprios critérios linguísticos mobilizados para tal denominação, mostrando como essa denominação reduz a configuração linguística e as práticas linguísticas dessa região.

## **| A denominação *Caribe francófono* à luz da vitrine linguística da região**

Do ponto de vista linguístico e da paisagem linguística do Haiti, da Guiana, de Guadalupe e da Martinica, a denominação *Caribe francófono* pode revelar-se bastante limitada para designar esse conjunto de países antigamente colonizados pela França, uma vez que o simples adjetivo *francófono* reduz as realidades multilíngue e plurilíngue dessa região à concepção de uma realidade

---

<sup>17</sup> De acordo com a OIF, a Dominica e Santa Lúcia são membros da organização desde respectivamente 1979 e 1981. Os dados são referentes ao censo de 2022, e em ambas, o francês tem o estatuto de língua estrangeira.

monolíngue: o francês. Ora, além do francês, a paisagem linguística dessa região é constituída pelas línguas crioulas que surgiram no primeiro século da colonização<sup>18</sup>, bem como por línguas ameríndias no caso da Guiana, onde há algumas línguas autóctones em uso, mesmo que sejam usadas por uma porção muito reduzida da população. A realidade linguística é, pois, bilíngue, multilíngue e plurilíngue. Seja no Haiti (onde o francês tem o estatuto de língua oficial e língua segunda), seja na Martinica, em Guadalupe e na Guiana (onde o francês tem o estatuto de “língua nacional”<sup>19</sup>), as práticas comunicacionais na vida cotidiana são realizadas em mais de uma língua, com a predominância das línguas crioulas. No caso do Haiti, por exemplo, o crioulo é a língua do dia a dia da (quase) totalidade da população local. Como se sabe, porém, se em contexto de bilinguismo, multilinguismo e plurilinguismo não há uso igualitário, ou seja, há hierarquização entre as línguas em contato e tentativas de privilegiar uma sobre outra, no caso dessa região se observou uma *negação* da realidade linguística. Paralelamente aos posicionamentos negacionistas encontram-se, contudo, engajamentos e lutas para a emancipação das línguas crioulas.

No Haiti, o contexto histórico da independência do país, em 1º de janeiro de 1804, levou os líderes da República recém-fundada a adotar o francês como língua administrativa, como língua do Estado, enquanto o crioulo haitiano (doravante CH) era a língua do dia a dia da República. Como, para o Ocidente do século XIX, o crioulo não era considerado uma “língua civilizadora”, membros das elites da época se acomodaram a esse contrassenso, negando a configuração linguística. É segundo essa perspectiva que um dos principais escritores haitianos da segunda metade do século XIX, Louis-Joseph Janvier (1855-1911), na sua obra intitulada *Les Détracteurs de la race noire et de la République d’Haïti* (1882), tenta convencer o Ocidente de que o povo haitiano teria entrado na assim chamada civilização ocidental, e não hesita em alegar que “A língua francesa é a língua corrente, a única em uso, e todos os camponeses a compreendem. Todos os usos e costumes, as festas, as instituições, as vestimentas, tudo é francês:

---

18 Como se sabe, as línguas crioulas não surgiram apenas nos territórios antigamente colonizados pela França no Caribe. De modo geral, salvo os territórios colonizados pela Espanha, as “línguas crioulas” formaram-se e mantiveram-se nos territórios caribenhos colonizados pela França, pela Inglaterra e pela Holanda, daí a denominação de *crioulas de base lexical francesa, inglesa e neerlandesa*. Apoiado em Susanne Maria Michaelis, Romain Cruse destaca, no artigo *Répartition et dynamiques spatiales des langues créoles dans la Caraïbe*, que a colonização espanhola, muito difundida em escala global, deixou apenas alguns raros exemplos de crioulos: o *bahra* e o *chabacano*, falados de maneira muito marginal em três cidades das Filipinas; o *papiamento*, falado por cerca de trezentos mil locutores nas ilhas caribenhas de Aruba, Curaçau e Bonaire; o *palenquero*, falado por dois mil habitantes de uma localidade do litoral caribenho da Colômbia (Michaelis et al., 2013a e b, citado por Cruse, 2015, p. 5-6).

19 Como, do ponto de vista administrativo, esses países fazem parte da República Francesa, há de se considerar que o francês tem neles um estatuto de “língua nacional”.

modela-se em tudo à França”<sup>20</sup> (Janvier, 1882, p. 27). Essa alegação não passa de um contrassenso, quando sabemos que foi formulada num contexto em que o francês era a língua de cerca de 10% da população, e o crioulo era a língua da totalidade da população local.

O problema foi definir-se a partir do olhar ou de pressupostos do outro, negando-se a si mesmo para se adequar ao modelo hegemônico, ao modelo do colonizador. A relação das línguas em uso dessa região foi assim marcada inicialmente por uma perspectiva negacionista, contraditória e paradoxal. Ao se definirem em base do Ocidente racista e colonialista da época, as elites haitianas não apenas negaram sua própria realidade, mas igualmente tentaram proibir o uso das línguas *crioulas* em vários contextos, como na escola, em instituições públicas etc. Até os anos mais recentes, encontrou-se em murais e no topo de lousas de muitas escolas haitianas o seguinte enunciado: *Ici l’usage du créole est interdit* (“Aqui o uso do crioulo é proibido”). Para alguém que se exprimia em *crioulo*, a reprimenda vinha logo: *Exprime-toi / Exprimez-vous* (“Expressa-te / Expresse-se/Expressai-vos”). Como se o fato de se expressar em crioulo não significasse “expressar-se”. Como sublinha Govain (2014), o aluno que era flagrado falando crioulo era punido com um *jeton* ou “símbolo”. O professor entregava-lhe esse pequeno objeto, chamado *jeton*, e o aluno deveria segurá-lo para entregá-lo ao próximo aluno que se expressasse em crioulo, assim por diante até o final do dia escolar<sup>21</sup>. Ao lado das punições, havia o receio de cometer erros de francês ou deslizos em francês. Para um aluno que tivesse o crioulo como língua materna, era (e é) presumível cometer alguns deslizos ou alguns *créolismes* em francês, devido à proximidade das duas línguas. Ora, cometer *crioulismos* era (e continua a ser) intolerável. A depender do deslizos, a pessoa que o cometesse se tornava logo o chicoteado da turma, o que levou muitos alunos ao silêncio e, muitas vezes, ao abandono dos estudos.

Parece que essa situação sociolinguística no Haiti não era muito diferente daquela da Martinica da segunda metade do século XIX, considerando o que relata o escritor martinicano Patrick Chamoiseau:

Quando entrei na escola primária, entrei crioulofóno. Aliás, pensava em crioulo. No meu espírito era a língua crioula que era a principal. [...] O

---

20 No original: “La langue française est la langue courante, la seule en usage et tous les paysans la comprennent. Les mœurs, les coutumes, les fêtes, les institutions, les costumes, tout est français: on se modèle en tout à la France.”

21 As punições variavam de uma instituição a outra. Por exemplo: i) ficar em pé até que fosse substituído pelo próximo aluno que se expressasse em crioulo, e assim por diante; ii) ser proibido de sair durante o intervalo; iii) sair por último após o término do dia escolar.

problema é que a língua crioula não era absolutamente reconhecida no interior da escola; ela não participa do ensino. [...] Era absolutamente proibida. A língua reaparecia na hora do recreio, quando estávamos entre nós. [...] A língua era, portanto, proibida – o que fez que meu problema fosse o de poder expressar-me. Necessitava, portanto, traduzir a vozinha que tinha na minha cabeça quando dizia algo a mim mesmo. Para que eu o dissesse em francês, havia um trabalho de tradução mais ou menos aleatório que era realizado, o que fazia com que, quando nos expressávamos em francês, no início, fosse um pouco arriscado. Porque, se cometêssemos erros de francês, cometíamos o que se chama de crioulismos. Porque a outra dificuldade é que a língua crioula é bastante próxima da língua francesa. De repente, os deslizos eram muito, muito rápidos, e, quando cometíamos crioulismos na época, quando cometíamos um simples erro de francês, tornávamo-nos não somente o motivo de chacota de toda a turma, mas éramos perseguidos durante o recreio<sup>22</sup> (Morgan; Chamoiseau, 2006, p. 184).

O relato do autor lança luz à maneira como as duas línguas eram usadas na Martinica durante sua infância, e também à similaridade da realidade sociolinguística da Martinica com as de países da região, como a do Haiti. As políticas linguísticas aplicadas nesses países conduziram a muitas lutas pela emancipação das línguas crioulas. O que nos interessa aqui não é, contudo, a política linguística, mas o uso *efetivo* das línguas em presença, para observar como a expressão *Caribe francófono* se revela limitada para dar conta da configuração linguística da região. O uso *efetivo* não significa uso igualitário das línguas em presença, mas o reconhecimento da existência de cada uma na configuração linguística em determinado território. Aliás, quando duas línguas coabitam, “nunca se encontram em igualdade de condições, seja lá o que fizermos; elas tendem a se distanciar” (Govain, 2021, p. 60). De fato, como observou o linguista Renauld Govain, não são as línguas em si que se distanciam, mas seus locutores, em função do uso que fazem delas. O problema aqui (é) se

---

22 No original: “Lorsque je suis entré à l'école primaire, je suis entré créolophone. D'ailleurs, je pensais en créole. Dans mon esprit c'était la langue créole qui était majeure. [...] Le problème c'est que la langue créole n'est absolument pas reconnue à l'intérieur de l'école, elle ne participe pas à l'enseignement. [...] Elle était absolument interdite. [...] La langue réapparaissait dans les cours de récréation, quand on est entre nous. Donc la langue était interdite – ce qui fait que le problème que j'ai eu c'était de pouvoir m'exprimer. Il fallait donc que je traduise la petite voix que j'avais dans ma tête quand je me disais quelque chose. Pour que je le dise en français, il y avait un travail de traduction plus ou moins aléatoire qui était fait, qui fait que lorsqu'on s'exprimait en français au début, c'était un peu risqué. Parce qu'on faisait des fautes de français; on faisait ce qu'on appelle des créolismes. Parce que l'autre difficulté c'est que la langue créole est assez proche de la langue française. Donc du coup, les glissements étaient très, très rapides et lorsqu'on faisait des créolismes à l'époque, qu'on faisait tout simplement une faute de français, alors là non seulement on devenait la risée de toute la classe, mais on était poursuivi pendant la récréation.”

dá quando se quer tentar ocultar ou negar a realidade apesar d(e)as evidências, como ocorreu às línguas crioulas dessa região, apesar de que ganham cada vez mais espaço em todas as esferas das sociedades.

Em relação ao Haiti, desde os anos 1980 (para cá), “a relação entre as duas línguas no país não é mais como foi antes” (Govain, 2021, p. 3), uma vez que o CH atravessou esferas reservadas ao francês (FR): a escola, a universidade, a mídia, o discurso oficial, o parlamento etc. Se, após a independência do Haiti, o francês era predominante em discursos oficiais, em comícios eleitorais, na imprensa e na religião, a partir dos anos 1980 se observa uma predominância do CH também nessas esferas. Por exemplo, de acordo com o estudo de Govain (2021), estimam-se hoje aproximadamente 300 rádios no Haiti, nas quais o CH é majoritariamente usado. Enquanto na propaganda oral, as edições de jornal em rádios e em televisões são feitas nas duas línguas com predominância do CH, a propaganda escrita e a imprensa escrita são realizadas predominantemente em francês. Aliás, até hoje, na comunicação escrita, na literatura e no sistema judiciário do país predomina o uso de francês<sup>23</sup> – constatação inevitável para um estrangeiro que visita pela primeira vez o Haiti. Como sublinha Johnny Laforêt (2023, p. 23), “o francês é a língua predominantemente utilizada em espaços públicos. Pois é raro encontrar, por exemplo, em Porto Príncipe, o nome de uma rua, de prédios públicos, de placas de sinalizações em CH”. Encontra-se, contudo, um número cada vez maior de *banners*, grafites, cartazes, anúncios de parede e publicações literárias em CH.

No que se refere à Martinica, em uma enquete intitulada *En Martinique, les traditions, la musique et le créole fédèrent les générations* [Na Martinica, as tradições, a música e o crioulo confederam as gerações], Amandine Louguet, Antonin Creignou e Baptiste Rimbaud (2021, p. 7) apresentam os seguintes dados sobre o uso das línguas em contato:

90% da população declara dominar o crioulo martinicano. Além disso, 71% dos martinicanos falam crioulo em sua vida cotidiana, seja em sua casa, no trabalho ou entre amigos. A prática do crioulo, a despeito de estar mais fortemente centrada na faixa de 60 anos a mais, faz-se importante entre as jovens gerações (85% dos 15-39-anos o dominam, e 72% o falam no cotidiano). Além das interações sociais, o crioulo

---

23 Embora o francês predomine, até hoje, na comunicação escrita, na literatura e no sistema judiciário do país, observa-se, ao mesmo tempo, que a escrita em crioulo haitiano (CH) ganha cada vez mais espaço, sobretudo após a criação da *Akademi Kreyòl Ayisyen* (Academia Crioula Haitiana – AKA) em 2013. Apesar de a Constituição haitiana de 1987 prever a criação dessa instituição para a promoção da língua crioula, ela só foi instituída em 2013, quase três décadas depois.

martinicano é também utilizado para assistir à televisão. Com efeito, 26% dos martinicanos assistem a um canal de televisão em crioulo, dos quais 4% todos os dias ou quase.<sup>24</sup>

Ainda de acordo com essa enquete sobre o uso de crioulo nas emissões de televisão, os autores ressaltam um uso diferenciado em Guadalupe, onde, por exemplo, no posicionamento editorial da televisão *Guadeloupe La 1ère*, há um jornal noturno que tem uma parte em crioulo e nele a prática do crioulo é muito mais pontual. Nessa mesma linha, em uma entrevista realizada por Sandrine Desroses com Patrick Chamoiseau, em 2005, para um dossiê do *site Afrik*, Chamoiseau afirma que Guadalupe é mais crioulófona e muito menos francófona do que a Martinica. Conforme sua consideração, em Guadalupe o crioulo é muito mais presente no dia a dia do que na Martinica, destacando-se, como exemplo, o canal de televisão *RFO Sat*, no qual, quando jornalistas realizam enquetes, os transeuntes respondem involuntariamente em crioulo, enquanto na Martinica, no mesmo contexto, um martinicano responderia em francês.

Esses dados ajudam a compreender a configuração linguística desses países, bem como a particularidade no que se refere ao uso das línguas em presença no dia a dia das populações. Nesse ponto, com sua configuração linguística, a Guiana se distancia um pouco desses três países, pois, diferentemente desses, que se caracterizam pelo bilinguismo (crioulo x francês) e pelo translinguismo (uso de um crioulo afrancesado ou um francês criouloizado), a configuração linguística da Guiana ultrapassa essa realidade devido à presença, no seu território, das línguas ameríndias.

No seu artigo “Les langues créoles en Guyanne”, Isabelle Léglise destaca que são cerca de quarenta as línguas faladas na Guiana, dentre as quais aproximadamente vinte são faladas por grupos representantes de menos de 1% da população (2017, p. 1)<sup>25</sup>. Esse dado é mantido em uma enquete do Departamento de Estudos do Ministério da Cultura da França, dirigida por Nathalie Berthomier,

---

24 No original: “90% de la population déclare maîtriser le créole martiniquais. [...] De plus, 71% des Martiniquais parlent créole dans leur vie quotidienne, que ce soit chez eux, au travail ou entre amis. La pratique du créole, bien que plus fortement ancrée chez les 60 ans et plus, reste importante parmi les jeunes générations (85% des 15-39 ans le maîtrisent et 72% le parlent au quotidien). Au-delà des interactions sociales, le créole martiniquais est aussi utilisé pour regarder la télévision. En effet, 26% des Martiniquais regardent une chaîne en créole, dont 4% tous les jours ou presque.”

cf. OUGUET, A. *et all.* En Martinique, les traditions, la musique et le créole fédèrent les générations. (<https://www.culture.gouv.fr/espace-documentation/sta>).

25 LEGLISE, I.; MIGGE, B. Langues créoles en Guyane. Disponível em: <https://www.languesetcite.fr/279>. Acesso em: 10 set. 2024.

Amandine Louguet, Julien M'Barki, Sylvie Octobre e publicada em 2023, na qual se elenca que há cerca de quarenta línguas em uso. Entre elas, destacam-se o crioulo guianense – língua materna de cerca de um terço da população – e as línguas ameríndias (arawak ou lokono, emérillon ou teko, kali'na, palikur, wayana, wayanmpi), faladas por menos de 5% da população guianense (Leglise, 2017, p. 3). As outras línguas são línguas não locais faladas por imigrantes e suas mães, que se estabeleceram na Guiana. Segundo o trabalho de Léglise (2017), salvo o crioulo haitiano, falado por uma população de origem haitiana que representa entre 10 e 20% da população guianense, as outras línguas são faladas por grupos de menos de 1% da população. Eis o motivo pelo qual a autora ressalta que a Guiana não é o único território multilíngue dessa região e que, também, sua população é majoritariamente plurilíngue e as crianças têm, desde muito cedo, repertórios plurilíngues que se desenvolvem apenas durante sua vida.

Observa-se, portanto, que a realidade linguística dessa região constituída por Haiti, Guadalupe, Martinica e Guiana é formada pelo uso de mais de uma língua no dia a dia das populações. Ou seja, a realidade linguística da região comumente chamada de *francófona* é caracterizada pelo uso do francês, dos crioulos e de algumas línguas ameríndias, o que configura uma realidade plurilíngue. Vista sob esse ângulo, a denominação *Caribe francófono* tem-se mostrado reducionista, dado que o adjetivo único *francófono* não traduz a realidade linguística da região; pelo contrário, encobre-a. Para marcar essa realidade, é preciso uma expressão que inclua igualmente as línguas crioulas, daí a necessidade de um conceito como *Caraiibe créolifrancophone (em francês)*, *Karayib kreyolifrankofon (em crioulo)* (“Caribe crioulifrancófono”) para designar esse espaço, constituído pelos países antigamente colonizados pela França.

## **| O conceito de *Caribe crioulifrancófono*: potenciais e fundamentos**

A expressão *Caribe crioulifrancófono* é formada, em francês, a partir de uma espécie de fusão de dois elementos: *créoli-* (“criouli-”) e *francophone* (“francófono”). A palavra-pivô *créoli-* (“criouli-”) é tomada de empréstimo dos conceitos de *créolisation* (“crioulização”) e *créolité* (“crioulidade”), enunciados respectivamente por Édouard Glissant e por Jean Bernabé, Raphaël Confiant e Patrick Chamoiseau. O que se propõe é uma abordagem antitética ou uma dialética antitética, que reverbera pressupostos conceituais e teóricos do Ocidente, quando se trata de estudar a realidade (identitária, étnica, cultural, linguística) do Caribe em geral e do Caribe antes colonizado pela França.

De fato, no final da década de 1990, após a consolidação dos conceitos de criouliização, criouliidade, identidade-relação ou poética-relação propostos pelos autores, uma consciência começou a se manifestar na apelação desse espaço, com o uso de termos como *créolo-francophone* (“crioulo-francófono”) e *franco-créolophone* (“franco-crioulófono”) para se referir às pequenas Antilhas do Caribe também antes colonizadas pela França. Na obra *Écrire dans un pays dominé* [Escrever em um país dominado], de 1997, ao referir-se ao *Cahier d’un retour au pays natal* [Diário de um retorno ao país natal] de Aimé Césaire (1939/1947), Chamoiseau (1997, p. 95) afirma que “se trata de um grande poema lírico, o ato fundador da Negritude literária, e a prancha de decolagem da literatura das Antilhas Crioulo-francófonas”. Dois anos depois, na obra em coautoria *Lettres Créoles* [Cartas crioulas], Chamoiseau e Confiant usaram a expressão *Antilles franco-créolophones*, “Antilhas franco-crioulófonas”, para se referirem a essa região. Diferentemente da primeira ocorrência, na qual *créolo* (“crioulo”) funciona como o elemento de composição inicial do composto, *créolo-francophone* (“crioulo-francófono”), na segunda ocorrência é o elemento franco- que ocupa a posição inicial, como em *franco-créolophone* (“franco-crioulófono”). Embora a mera inversão na ordem dos elementos de composição não constitua um problema estrutural, defendemos que, na formulação específica desse termo, o elemento *créolo* (ou crioulo) precisa funcionar como núcleo semântico ou palavra-pivô. Essa prioridade reflete a necessidade de ancorar a designação no elemento linguístico mais específico e fundamental para a identidade dos povos da região.

No artigo “Traduire la littérature en situation de diglossie” [Traduzir a literatura em situação de diglossia], publicado em 2000, Raphaël Confiant usa a expressão *zona franco-crioulófono* para se referir a essa região. Assim, se nessas ocorrências se observa certo tipo de hesitação – ora *crioulo-francófono*, ora *franco-crioulófono* –, elas traduzem certo tipo de incômodo com a simples denominação *Caribe francófono*, oferecendo assim possibilidades ou substratos para pensar e alicerçar um conceito mais amplo para designar a região.

Com base nos substratos dos conceitos de *criouliidade* e *criouliização*, é possível destacar dois problemas nos termos *créolo-francophone* (“crioulo-francófono”) e *franco-créolophone* (“franco-crioulófono”) empregados por aqueles autores: i) o uso do termo *créolo-* (“crioulo”) ao invés de *créoli* manifestado nos termos *créolisation* (“criouliização”) e *créolité* (“criouliidade”) e ii) o uso do hífen.

Primeiramente compreendemos que o elemento inicial *créoli-* (criouli-) revela-se mais coerente no plano morfossintático e, sobretudo, conceitual do que o radical *créolo* (crioulo). A preferência por *créoli-* não se fundamenta em uma

suposta superioridade fonética do vogal de ligação, mas se justifica por situar-se melhor no quadro teórico da crioulição e da criouliidade, enfatizando a dinâmica de formação, mistura e interdependência cultural e linguística inerente à realidade da região.

Em segundo lugar, embora a denominação *créolo-francophone* (crioulo-francófono) vise a abarcar a ambivalência linguística da região, o uso do hífen (–) impõe um recuo conceitual significativo. O traço sugere que os elementos constituintes (“crioulo” e “francófono”) poderiam ser dissociados ou representam uma mera justaposição formal de termos distintos. Essa implicação, no entanto, fragiliza a natureza interpenetrada, inseparável e compósita que o fenômeno da crioulição expressa – conforme teorizado por Glissant (1990, 1996). A dinâmica da crioulição pressupõe a fusão e a mútua constituição, e não a simples soma de identidades ou sistemas linguísticos estanques.

Os conceitos de *criouliidade* e *crioulição* (tais como são enunciados por seus respectivos proponentes) tratam a realidade da região como resultante de um imbróglio cultural e linguístico oriundo de horizontes diversos<sup>26</sup>: “Nem europeus, nem africanos, nem asiáticos, nós nos proclamamos crioulos”<sup>27</sup> (Bernabé; Confiant; Chamoiseau, 1989, p. 13). Essas palavras, usadas como mote pelos proponentes do conceito de *créolité*, insinuam que a complexidade identitária dessa região se insere em uma perspectiva de “nem... nem”, em uma perspectiva de “sendo”, ao invés de uma identidade essencialista. Conseqüentemente, o que os conceitos de *créolité* (“criouliidade”) e *créolisation* (“crioulição”) põem em destaque são os múltiplos *multiculturalismos* e *plurilinguismos* daqueles países do Caribe. Ora, da mesma forma que “o resultante final do processo de *crioulição* é indissociável” (Glissant, 1996, p. 19), as relações entres as línguas crioulas e o francês nessa região são indissociáveis e indissolúveis, já que o francês marcou essas línguas com um selo indelével da mesma forma que essas marcaram de um selo indelével a língua francesa.

Eis os motivos pelos quais propomos o conceito *créolifrancophone* (“crioulifrancófono”), ao invés de *créolo-francophone* (“crioulo-francófono”) ou *franco-créolophone* (“franco-crioulófono”) para designar essa região do Caribe, em que as práticas comunicativas do dia a dia se fazem principalmente em crioulo e em francês. O conceito crioulifrancófono aqui sugerido favorece uma

---

26 A diferença entre esses dois conceitos reside no fato de que, quanto ao primeiro, o sufixo *-ité* (*-i dade*) expressa uma propriedade, uma característica, enquanto o sufixo *-tion* (*-ção*), presente no segundo, expressa um processo. Aliás, é sobre essa base que Glissant recusa o conceito de *créolité*, proposto por seus coetâneos, deixando saber que, para ele, o importante não é a essência, a propriedade, mas o processo.

27 No original: “Ni Européens, ni Africains, ni Asiatiques, nous proclamons Créoles”.

articulação terminológica que reflete adequadamente a lógica de pluralidade, interpenetração e processo contínuo, e não de mera soma, expressa pelos conceitos fundamentais da criouldade e da criouldização. Trata-se igualmente de uma formulação que procura pôr em destaque a intercompreensão e a real intercomunicação que as línguas crioulas do Haiti, da Guiana, de Guadalupe e da Martinica favorecem nesse espaço caribenho.

## **| As línguas crioulas como línguas mananciais do Caribe crioulifrancófono**

Em *La place du « Créole » dans l'expression antillaise*<sup>28</sup> [O lugar do “Crioulo” na expressão antilhana], o poeta martinicano Gilbert Gratiant (1957) postula que o crioulo é a língua da amizade, da intimidade, uma ferramenta de liberação fácil de sentimentos nas Antilhas. O autor relata que, nessa região, quando duas pessoas que não se conhecem se encontram pela primeira vez, endereçam-se em francês; depois de algum tempo, se se tornam amigas, o crioulo pode substituir o francês ou usarão indiferentemente as duas línguas, começando-se uma frase em francês e continuando-a em crioulo ou inversamente (1957, p. 254-255). É preciso reconhecer que essa observação de Gratiant não se aplica às populações monolíngues dessa região. No caso do Haiti, por exemplo, onde mais de 60% da população é monolíngue ou monolíngue de língua crioula. Seu relato, todavia, corrobora a tese de que a realidade linguística dessa região não se reduz ao francês, nem para as elites desses países, apesar das suas tentativas de se desvincularem do crioulo.

Na mesma linha, refletindo sobre as línguas em uso na sociedade martinicana, em uma entrevista realizada por Janice Morgan, Patrick Chamoiseau (2006, p. 191) afirma:

Há deslizamentos – temos duas línguas com seu berço aqui na Martinica que circulam juntas; há antes uma língua matriz, que estrutura o imaginário coletivo e sua transmissão de toda a cultura popular do país. Depois, há essa segunda língua, que faz parte do imaginário coletivo, mas que faz parte dele em modalidades mais complexas, mais particulares, não no mesmo nível da língua matriz.<sup>29</sup>

---

28 Esse trabalho foi apresentado pelo autor no primeiro Congresso Internacional de escritores e artistas negros, / Primeiro Congresso Internacional de Escritores e Artistas Negros, organizado pela revista *Présence Africaine* (em Paris, Sorbonne), entre 19 e 22 de setembro de 1956, na Universidade Sorbonne, em Paris.

29 No original: “Il y a des glissements – on a deux langues dans son berceau ici en Martinique qui circulent ensemble ; il y a plutôt une langue matricielle qui existe, qui constitue la structuration de l'imaginaire collectif et la transmission de toute la culture populaire du pays. Et puis il y a cette langue seconde qui fait partie de cet imaginaire collectif, mais qui en fait partie selon des modalités plus complexes, plus particulières en tout cas, pas au même niveau de la langue matricielle.”

São considerações que reforçam a ideia de que as práticas linguísticas nessa região não podem ser reduzidas a uma língua. Em contextos comunicacionais variados, duas línguas se imbricam, se alternam, se sobrepõem para situar a realidade linguística em uma perspectiva de plurilinguismo (presença de mais de uma língua) e de translinguismo (alternância ou o trânsito entre as línguas em contato; a presença de uma língua na outra, a imbricação, a partir de uso indiscriminado em que as duas línguas se crioulizam). O uso das línguas em contato no dia a dia e o estatuto diferenciado de cada uma delas nesse espaço estão na base do conceito de “crioulifrancófono” – um conceito que expressa a ideia de um empastelamento da fronteira entre as línguas em uso nessa região, promovendo um equilíbrio sociolinguístico.

No fundo, esse conceito expressa um reconhecimento e uma valorização da intercompreensão que as línguas em contato favorecem na região e, ao mesmo tempo, evoca a riqueza sociolinguística daquela região, desafiando todas as tentativas reducionistas que conservam uma dimensão colonialista.

No artigo *Le créole haïtien et les créoles des Petites Antilles et de la Guyane*, Robert Damoiseau (2012, p. 47) ressalta que a proximidade entre o crioulo haitiano (CH) e os crioulos da Martinica (CM), de Guadalupe (CGua) e da Guiana (CGui) permite uma intercompreensão no espaço americano-caribenho compartilhado por essas comunidades. Para sustentar essa observação, o autor analisa os sintagmas nominais dessas línguas, os esquemas predicativos e os esquemas aspecto-temporais e modais, concluindo que o exame dessas categorias revela uma acentuada proximidade entre os sistemas linguísticos, a qual conduz a específicos padrões de aproximação e confluência entre as línguas, embora cada qual guarde sua particularidade. As particularidades dessas línguas são, aliás, o que fundamenta a originalidade de cada uma no seio do espaço compartilhado por elas. A seguir, cabe aqui considerar apenas o morfema de pessoa (MP) dessas línguas para lançar luz sobre a aproximação entre elas, conforme o seguinte quadro:

MP	FR	CH	CM	CGua	CGui
eu	Je	<i>mwen</i> [mwê]	<i>mwen</i> [mwê]	<i>mwen</i> [mwê]	<i>mo/mwen</i> [mɔ]
Tu	Tu	<i>ou</i> [u]	<i>ou</i> [u]	<i>Ou</i> [u]	<i>to/ou</i> [tɔ]
ele/ela	il/ele	<i>li</i> [li]	<i>i</i> [i]	<i>i</i> [i]	<i>i</i> [i]
Nós	nous /on	<i>nou</i> [nu]	<i>nou</i> [nu]	<i>Nou</i> [nu]	<i>nou</i> [nu]
Vocês	Vous	<i>nou</i> [nu]	<i>zot</i> / [zɔt]	<i>Zot</i> [zɔt]	<i>zot</i> [zɔt]
eles/elas	ils/ele	<i>yo</i> [jo]	<i>yo</i> [jo]	<i>Yo</i> [jo]	<i>yé</i> [je] [jɛ]

Nota-se que o CH apresenta uma particularidade no paradigma de morfema de pessoa (com cinco pronomes/formas pronominais, pois a mesma forma *nou* é usada tanto para a primeira pessoa quanto para a segunda pessoa do plural. Além disso, observa-se que nas quatro línguas se usa somente um pronome, *li* ou *i*, para se referir à terceira pessoa, independentemente do gênero; enquanto no CH a terceira pessoa do singular se faz *li*, nas outras línguas a forma é *i*, embora no CH haja variações regionais nas quais o pronome *li* se torna *i* na língua falada. Enfim, a notável particularidade do CH reside na unidade expressiva entre a primeira e a segunda pessoas do plural. O pronome da segunda pessoa do plural *zot* – próprio às outras três línguas – é também usado no CH, como pronome referencial (para endereçar-se a uma pessoa que não está no diálogo), em uso restritivo e indireto. São aspectos que ilustram como as línguas crioulas desse espaço caribenho revelam um elo, um fator de identificação e de aproximação regional.

## **| Em lugar de conclusão**

Em suma, o que este estudo procurou estabelecer são elementos para um amplo olhar sobre a realidade sociolinguística e sobre o uso das línguas em contato no dia a dia das populações do espaço do Caribe outrora colonizado pela França. Toda a linha argumentativa deste trabalho foi constituída em torno de uma necessidade de problematizar as línguas em uso nessa região para não ocultar as línguas crioulas ou para não validar a impressão de que essa região seja monolíngue de língua francesa. Os argumentos apresentados ao longo deste trabalho expressam a necessidade de reconhecimento tanto de fatos históricos como do lugar de cada uma das línguas em contato nas práticas quotidianas das populações na região. O conceito de *Caraiibe créolifrancophone* (“Caribe criouli-francófono”) inscreve-se justamente na perspectiva de integrar as línguas crioulas na denominação do subconjunto formado por esses países. *Caribe criouli-francófono* expressa a ideia de um pacto com as línguas em presença, ao invés da expressão *Caribe francófono*, que exclui as línguas crioulas.

Tratar-se-ia de um pacto que procura dar conta, de um lado, da heterogeneidade nas expressões culturais e da mestiçagem na realidade das Américas e, de outro lado, das trocas e dos contatos entre os povos do mundo desde a queda do Muro de Berlim (Glissant, 1990, 1996). Dos anos 1980 para cá, as línguas crioulas dessa região ocupam progressivamente mais espaço nas manifestações comunicativas das populações, saindo do estatuto de línguas marginais, de expressão vernacular, para se tornarem línguas de escolarização formal e de ensino, de pesquisas acadêmico-científicas (Govain, 2021). O combate aqui vai além da superação da hierarquização das línguas em determinado espaço

multilíngue, pois envolve a desconstrução de todo um imaginário socialmente construído sobre base na exclusão e dominação do *Outro*, do *diferente*. Isso requer, portanto, outro imaginário, e, nessa perspectiva, conceber uma relação umbilical das línguas em uso revela-se uma necessidade não só de reconhecer o lugar das línguas em uso naquele espaço, mas também de abolir o encobrimento colonialista que há por trás do reducionismo embutido na expressão *Caribe francófono*.

O conceito de *Caribe criouli francófono* carrega, portanto, elementos e indícios para olhar essa região a partir de uma visão *relacional* ou *crioulizante*, preconizando uma valorização das línguas em uso nessa região. A tomada de consciência observada, nas últimas décadas, sobre a importância das línguas crioulas nessas sociedades precisa igualmente reverberar na dominação dessa região. Com a denominação *Caribe criouli francófono* um passo é dado para fazer justiça não somente aos monolíngues de língua crioula, à grande massa de monolíngues de crioulo haitiano, mas também aos bilíngues, plurilíngues, cujas línguas não seriam mais ignoradas na nomeação dessa região.

## | Referências

BARAGOUIN. *In: Centre National de Ressources Textuelles et Lexicales – CNRTL*. Disponível em <https://www.cnrtl.fr/definition/baragouin>. Acesso em: 24 nov. 2025.

BERNABÉ, J.; CHAMOISEAU, P.; CONFIANT, R. *Éloge de la créolité*. Paris: Gallimard, 1989.

BRETON, R. **Dictionnaire Caraïbe-français**. [Auxerre: Bouquet, 1665.] Ed. fac-símile. Leipzig: B. G. Teubner; 1892.

BRETON, R. **Grammaire Caraïbe**. [Auxerre: Bouquet, 1667.] Paris: Maisonneuve & Cie, 1877.

CARIBE. *In: Dicionário da Real Academia Espanhola – RAE*. Disponível em <https://dle.rae.es/caribe>. Acesso em: 25 nov. 2025.

CHAMOISEAU, P. “Créolisation”, “Tout-Monde”: comprendre la pensée d’Edouard Glissant. **Entretien**. Kévin Boucaud-Victoire. *Marianne*, 24. mar. 2021. Disponível em: <https://www.marianne.net/agora/entretiens-et-debats/>. Acesso em: 31 jan. 2022.

CHAMOISEAU, P. **Écrire en pays dominé**. Paris: Gallimard, 1997.

CHAMOISEAU, P.; CONFIANT, R. **Lettres créoles**: tracées antillaises et continentales de la littérature: Haïti, Guadeloupe, Martinique, Guyane, 1635-1975. Paris: Gallimard, 1999.

CONFIANT, R. Traduire la littérature en situation de diglossie. *In*: **Palimpsestes**. N.12. 2000, p. 49-59. DOI: <https://doi.org/10.4000/palimpsestes.1635>.

CRUSE, R. **Une géographie populaire de la Caraïbe**. Montréal: Mémoire d'encrier, 2014.

CRUSE, R. Répartition et dynamiques spatiales des langues créoles dans la Caraïbe. **L'Espace géographique**, T. 44, p. 1-17, 2015. DOI: <https://doi.org/10.7202/1028941ar>.

DAMOISEAU, R. Le créole haïtien et les créoles des Petites Antilles et de la Guyane. **Voix Plurielles**, n. 9(2), p. 47-61, 2012. DOI: <https://doi.org/10.26522/vp.v9i2.667>

DESROSES, S.; CHAMOISEAU, P. Entrevista com Patrich Chamoiseau: L'enseignement du créole à l'école officialisé en Martinique. **Afrik.Com**. *Online*, 2005. Disponível em: <https://www.afrik.com/>. Acesso em: 10 set. 2024.

DUSSEL, E. **1492**: o encobrimento do outro: a origem do mito da modernidade: Conferências de Frankfurt. Tradução Jaime A. Classen. Petrópolis: Vozes, 1983.

GLISSANT, É. **Poétique de la Relation**. Poétique III. Paris: Gallimard, 1990.

GLISSANT, É. **Introduction à une poétique du divers**. Paris: Gallimard, 1996.

GOVAIN, R. Créolité, créolitude et créolophonie dans la Caraïbe. Apport de l'Éloge de la créolité. *In*: **HAL**. Raphaël CONFIANT: avant et après Éloge de la créolité (1989). Martinique, 2021, p. 1-19. Disponível em: <https://halshs.archives-ouvertes.fr/halshs-03759277>. Acesso em: 26 jun. 2024.

GOVAIN, R. L'état des lieux du créole dans les établissements scolaires en Haïti. **Contextes et didactiques**, n. 4, p. 1-15, 2014. DOI: <https://doi.org/10.4000/ced.318>.

GRATIAN, G. La place du « Créole » dans l'expression antillaise. *In*: **Présence Africaine**, n. 14/15, p. 252-255, 1957. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/24346872>. Acesso em: 26 jun. 2023.

GRENAND, F.; GRENAND, P. La côte d'Amapa, de la bouche de l'Amazone à la baie d'Oyapock, à travers la tradition orale Palikur. Les Palikur et l'histoire de l'Amapa. **Bol. Mus. Par. Emilio Goeldi, ser. Antropol.**, v. 3, p. 1-77, 1987.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

JANVIER, L.-J. **Les détracteurs de la race noire et de la République d'Haïti**. Paris: Marpon et Flammarion, 1882.

JEAN, D. **O realismo maravilhoso e a poética da relação na constituição da literatura crioulafrancófona do Caribe**. 2024. Tese (Doutorado em Estudos Literários) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2024.

JONASSAINT, J. De la complexité caraïbéenne: notes sur une impasse théorique. **Francofonia**, Lectures et écritures haïtiennes, n. 49, p. 37-58, 2005. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/43016337>. Acesso em: 9 set. 2024.

LAFORÊT, J. Le paysage linguistique de Port-au-Prince: le cas de la route de Frères. **Revue internationale des francophonies**, n. 11, p. 1-33, 2023. Disponível em: URL: <https://publications-prairial.fr/rif/index.php?id=1465>. Acesso em: 3 out. 2024.

LEGLISE, I.; MIGGE, B. Langues créoles en Guyane. In: **Langues et cité**. Online, 2017. Disponível em: URL : <https://www.languesetcite.fr/279>. Acesso em: 10 set. 2024.

LOUGUET, A.; CREIGNOU, A.; RAIMBAUD, B. En Martinique, les traditions, la musique et le créole fédèrent les générations. **Culture Études**, p. 1-16, 2021. Disponível em: <https://www.culture.gouv.fr//espace-documentation/statistiques-ministerielles-de-la-culture2/publications/collections-de-synthese/culture-etudes-2007-2025/>. Acesso em: 9 set. 2024.

McCRINDLE, K. L. **Temps, mode et aspect**: les créoles des Caraïbes à base lexicale française. 1999. Tese (Doutorado em Linguística) – Department of French Language and Literature, University of Toronto. Toronto, 1999. Disponível em: <https://tspace.library.utoronto.ca/handle/1807/12505>. Acesso em: 22 jul. 2024.

MORGAN, J.; CHAMOISEAU, P. Entretien avec Patrick Chamoiseau. In: **The French Review**, v. 80, n. 1, p. 186-198, out. 2006. Online. Disponível em: URL: <https://www.jstor.org/stable/25480593>. Acesso em 18 set. 2024.

MOUDILENO, L. Éloge de la créolité ou la nécessité de l'irruption. **Études Littéraires africaines**, n. 29, p. 54-61, 2010. DOI: <https://doi.org/10.7202/1027496ar>.

RENAULT-LESCURE, O. Le caraïbe insulaire, langue arawak: un imbroglio linguistique. In: PAISA, M. B.; BERNABÉ, J. (org.). **Dictionnaire Caraïbe-français**: révérend père Raymond Breton. 1665. Édition annotée. Paris: Karthala, 1999. p. XLVII-LXVII.

RENNARD, J. **Les Caraïbes**: Histoire des vingt années de la colonisation de la Guadeloupe (1635-1656). Paris: Librairie Générale et Internationale: G. Ficker, 1929. [Reprodu. Manioc.org. Pointe-à-Pitre.]

RODRIGUES, A. D. **Línguas brasileiras**: para o conhecimento das línguas indígenas. São Paulo: Loyola, 1986.

TAGLIONI, F. Les espaces francophones caraïbes : une communauté entre intégration et marginalisation dans les Amériques. In. **Quatre siècles de francophonie en Amérique**, p. 1-18, 2004. Disponível em: <https://shs.hal.science/halshs-00005229>. Acesso em: 24 nov. 2025.

VÉTÉ-CONGOLO, H. **L'intéroralité caribéenne**: le mot conté de l'identité, vers une esthétique caribéenne. Saint-Denis: Connaissances et Savoirs, 2016.

VOLTAIRE, F. Territoires de l'imaginaire: quelques préceptes pour une histoire de la Caraïbe. **Liberté**, n. 330, p. 37-92, 2021. Disponível em: <https://id.erudit.org/iderudit/95387ac>. Acesso em: 9 set. 2024.

WHITEHEAD, N. L. Carib cannibalism. The historical evidence. **Journal de la société des américanistes**, p. 69-87, 1984. Disponível em: [https://www.persee.fr/doc/jsa\\_0037-9174\\_1984\\_num\\_70\\_1\\_2239](https://www.persee.fr/doc/jsa_0037-9174_1984_num_70_1_2239). Acesso em: 24 nov. 2025.

### Como citar este trabalho:

JEAN, Dieumette. Complexidade linguística no Caribe: prolegômenos a um conceito de Caribe crioulifrancófono. **Revista do GEL**, v. 22, n. 2, p. 164-192, 2025. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/rg>. Submetido em: 02/10/2024 | Aceito em: 28/11/2025.

Submetido em: 14/10/2024 | Aceito em: 28/11/2025.